

TEATRO

Peças Prontas
para Apresentar



TEATRO

O teatro é uma das formas de expressão artística mais antigas da humanidade. Ele reúne literatura, música, dança e artes visuais em um mesmo espaço de representação. Sua essência está na encenação de histórias por meio de personagens, conflitos e emoções que envolvem tanto quem atua quanto quem assiste. **A palavra “teatro” vem do grego *theatron*,** que significa “lugar de ver”, indicando desde sua origem a ideia de espetáculo e de compartilhamento coletivo de experiências.

O surgimento do teatro remonta à Grécia Antiga, por volta do século VI a.C., quando eram realizadas celebrações em honra ao deus Dionísio. Nessas festividades nasceram a tragédia e a comédia, dois gêneros que se tornaram fundamentais para o desenvolvimento cultural e artístico do Ocidente. Aos poucos, o teatro expandiu-se para Roma e, mais tarde, ganhou novos formatos durante a Idade Média, o Renascimento e os períodos seguintes, mantendo sempre sua função de comunicar e provocar reflexões.

Apresentar uma peça de teatro exige planejamento, organização e criatividade. O processo envolve a escolha de um texto ou a criação de um roteiro original, a divisão de papéis, os ensaios e a preparação de cenários, figurinos e sonoplastia. Durante a apresentação, os atores devem expressar-se por meio de falas, gestos e expressões corporais, transmitindo ao público a mensagem central da obra. A encenação pode ser realizada em diferentes ambientes, desde palcos estruturados até salas de aula, pátios escolares ou espaços comunitários.

No contexto educacional, o teatro assume um papel de grande importância. Ele contribui para o desenvolvimento da comunicação, da criatividade, da sensibilidade e do trabalho em equipe. Os alunos, ao participarem de atividades teatrais, aprendem a lidar com a timidez, a respeitar as ideias dos colegas e a valorizar a escuta e a cooperação. Além disso, o teatro facilita a compreensão de conteúdos, pois possibilita que os estudantes vivenciem situações práticas e concretas relacionadas a diferentes disciplinas.

Outro aspecto relevante é o potencial do teatro para estimular a empatia e a reflexão crítica. Ao interpretar personagens de diferentes épocas, culturas ou contextos sociais, os alunos ampliam sua visão de mundo e tornam-se mais conscientes das diversidades humanas. A dramatização também favorece a fixação de conceitos, já que a aprendizagem torna-se mais significativa quando associada à experiência e à emoção.

Portanto, o teatro é mais do que uma simples forma de entretenimento: é uma poderosa ferramenta pedagógica. Seu uso na escola promove não apenas a aprendizagem de conteúdos, mas também a formação integral do aluno.

TEATRO

Habilidades da BNCC – Teatro (Ensino Fundamental – Anos Finais)

EF69AR25

- Identificar e analisar diferentes estilos cênicos, contextualizando-os no tempo e no espaço, de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética teatral.

EF69AR26

- Explorar diferentes elementos envolvidos na composição de manifestações cênicas de matriz indígena, africana e afro-brasileira (figurinos, adereços, cenários, gestos, sons, entre outros), reconhecendo suas especificidades e significados.

EF69AR27

- Experimentar e criar cenas teatrais, improvisações e encenações, utilizando recursos expressivos, corporais, vocais e imagéticos, individualmente ou em grupo, em diferentes contextos e espaços.

EF69AR28

- Analisar criticamente produções teatrais, considerando aspectos como linguagem, estética, contexto histórico e social, e o impacto na formação de públicos.

EF69AR29

- Participar de processos colaborativos na criação e realização de produções teatrais, respeitando a diversidade de ideias e contribuindo para o desenvolvimento coletivo.

EF69AR30

- Utilizar recursos digitais e tecnológicos na criação e apresentação de produções teatrais, explorando suas potencialidades expressivas e comunicativas.

EF69AR31

- Refletir sobre o papel do teatro na sociedade, reconhecendo sua função educativa, crítica e transformadora, e sua contribuição para a formação de cidadãos conscientes e atuantes.

TEATRO

Peça Teatral: O Valor da Educação

Personagens

Narrador

Professor Esperança

Maria (aluna dedicada)

João (aluno desmotivado)

Pai do João (trabalhador braçal, pouco estudo)

Dona Rosa (vizinha, que não estudou e depende de favores para ler/escrever)

Carlos (ex-aluno, hoje estudante universitário, exemplo positivo da educação)

Cenário

Sala de aula: quadro, mesa do professor, carteiras.

Casa de João: mesa simples, cadeira, balde ou ferramentas.

Espaço comunitário: pode ser representado por uma cadeira e banco, onde aparecem a vizinha e o ex-aluno.

Fundo com imagens de livros abertos, lápis gigante, lâmpada acesa (ideia).

Figurino

Professor Esperança: paletó ou camisa social, óculos, livros.

Maria: roupa alegre, mochila ou caderno.

João: roupa mais simples, boné, mochila jogada.

Pai: roupa de trabalhador (macacão, botas, chapéu de palha).

Dona Rosa: vestido simples, lenço na cabeça, aparência humilde.

Carlos: roupa mais formal (camisa, mochila universitária, crachá ou livro grosso).

Narrador: traje neutro.

TEATRO

Cena 1 – Sala de aula

(Professor escreve no quadro. Maria anota; João distraído.)

Narrador:

“Na escola, muitos veem oportunidades, mas outros não percebem o valor da educação.”

Professor Esperança:

“Lembrem-se: estudar abre portas! O conhecimento é um tesouro que ninguém pode tirar de vocês.”

Maria:

“Eu acredito, professor. Quero ser médica e sei que só vou conseguir estudando.”

João (entediado):

“Não sei se vale a pena. Meu pai nunca estudou muito e trabalha do mesmo jeito.”

Cena 2 – Conversa entre João e Maria

(Eles se encontram no pátio.)

Maria:

“João, estudar é um jeito de mudar o futuro. Quem aprende mais, tem mais escolhas.”

João:

“Escolhas? Eu vejo todo mundo se matando de trabalhar do mesmo jeito, com ou sem estudo.”

Cena 3 – Casa de João

(João encontra o pai cansado, suado, sentado.)

Pai:

“Dia puxado, filho. Trabalhei doze horas no sol. Se eu tivesse estudado, talvez não estivesse nesse serviço tão pesado.”

João (curioso):

“Pai, você acha mesmo que estudar faria diferença?”

Pai:

“Com certeza, João. A escola é a chance que eu não tive. Você pode ser diferente.”

(João fica pensativo.)

TEATRO

Cena 4 – Encontro com Dona Rosa

(Cenário simples. João encontra a vizinha com uma carta na mão.)

Dona Rosa (triste):

"João, pode ler essa carta pra mim? Eu não sei ler direito..."

João (surpreso):

"Mas Dona Rosa, a senhora nunca estudou?"

Dona Rosa:

"Na minha época, meninas não iam para a escola. Hoje dependo dos outros até para entender um bilhete."

Maria (que entra em cena):

"Tá vendo, João? Sem estudo a gente perde autonomia. Não dá para escolher por si mesmo."

(João olha preocupado.)

Cena 5 – Encontro com Carlos (ex-aluno)

(Na escola, aparece Carlos, ex-aluno mais velho, sorridente e bem vestido.)

Carlos:

"Professor! Que alegria voltar aqui. Hoje estudo Engenharia na universidade."

Professor Esperança (orgulhoso):

"Parabéns, Carlos! Você é exemplo do que a educação pode fazer."

Maria (animada):

"Viu, João? O estudo leva a gente mais longe!"

João (reflexivo):

"Talvez vocês tenham razão... meu pai sofre, Dona Rosa não pode nem ler uma carta... e o Carlos conseguiu mudar de vida. Preciso repensar."

TEATRO

Cena 6 – Retorno à sala

(No outro dia, João chega decidido.)

João (firme):

“Professor, decidi que vou me esforçar. Não quero repetir os mesmos erros. Quero um futuro melhor.”

Professor Esperança:

“Essa é a decisão que muda destinos, João. Cada aula é um passo para um amanhã diferente.”

Maria (batendo palmas):

“Bem-vindo à caminhada do conhecimento, João!”

Cena 7 – Encerramento coletivo

(Todos entram no palco: professor, Maria, João, pai, Dona Rosa e Carlos. Narrador à frente.)

Narrador:

“A educação abre portas, transforma vidas e dá liberdade. Sem ela, restam limitações; com ela, nascem oportunidades. O futuro está nas mãos de quem aprende.”

Fim: Todos os personagens se alinham lado a lado de mãos dadas, erguendo os livros, e dizem juntos: **“Educação transforma vidas!”**

TEATRO

FRAGMENTO DA PEÇA “O AUTO DA COMPADECIDA”

O PADRE BENZENDO A CACHORRA

ARIANO SUASSUNA

Personagens

- **João Grilo** – Astuto, pobre, esperto e cheio de artimanhas.
- **Chicó** – Medroso, ingênuo, sempre levado pelas ideias de João.
- **Padre João** – Religioso, mas vaidoso e preocupado com as aparências e interesses.

Figurino

- **João Grilo:** roupas simples e gastas, calça remendada, camisa de algodão clara, chapéu de palha velho. Deve transmitir simplicidade e pobreza, mas com um ar astuto.
- **Chicó:** roupa semelhante à de João, porém mais desarrumada, reforçando sua ingenuidade; chapéu também simples, sandálias ou pés descalços.
- **Padre:** batina preta (ou túnica escura), faixa na cintura, crucifixo pendurado no pescoço e um livro de rezas ou rosário nas mãos. Pode usar chapéu de aba larga ou barrete, reforçando sua autoridade religiosa.

Cenário

- O espaço deve representar uma igreja simples do sertão nordestino.
- Elementos de cena: altar rústico, banco ou cadeira de madeira, cruz na parede, algumas velas ou flores simples.
- O ambiente pode ser montado com cortinas brancas ou tecidos claros ao fundo, criando a ideia de interior de capela.
- A entrada do padre pode ser feita lateralmente, simulando a sacristia ou a porta da igreja.
- O cachorro pode ser apenas sugerido (pelúcia, boneco ou um ator caracterizado), pois o humor está no diálogo, não na presença real do animal.

Observação: Realizar as adaptações necessárias no cenário e no figurino, de acordo com os recursos disponíveis na escola.

TEATRO

João Grilo: – Padre João! Padre João!

Padre: (Padre, aparecendo na igreja) : - Que há? Que gritaria é essa?

Chicó: – Mandaram avisar para o senhor não sair, porque vem uma pessoa aqui trazer um cachorro que está se ultimando para o senhor benzer.

Padre: – Para eu benzer?

Chicó: – Sim.

Padre, com desprezo: – Um cachorro?

Chicó: – Sim.

Padre: – Que maluquice! Que besteira!

João Grilo: – Cansei de dizer a ele que o senhor benzia. Benze porque benze, vim com ele.

Padre: – Não benzo de jeito nenhum.

Chicó: – Mas padre, não vejo nada de mal em se benzer o bicho.

João Grilo: – No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não o benzeu?

Padre: – Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

Chicó: – Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

Padre: – É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

João Grilo: – É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é o motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

Padre: - (Mão em concha no ouvido) Como?

João Grilo: – Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais

Padre: – E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

TEATRO

João Grilo: – É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

Padre (desfazendo-se em sorrisos) : – Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

João Grilo (cortante) : - Quer dizer que benze, não é?

Padre, a Chicó: – Você o que é que acha?

Chicó: – Eu não acho nada de mais.

Padre: – Nem eu. Não vejo mal nenhum em abençoar as criaturas de Deus.

João Grilo: – Então fica tudo na paz do Senhor, com cachorro benzido e todo mundo satisfeito.

Padre: – Digam ao major que venha. Eu estou esperando.

Chicó: – Que invenção foi essa de dizer que o cachorro era do major Antônio Moraes?

João Grilo: – Era o único jeito de o padre prometer que benzia. Tem medo da riqueza do major que se péla. Não viu a diferença? Antes era “Que maluquice, que besteira！”, agora “Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus!”.

Chicó: – Isso não vai dar certo. Você já começa com suas coisas, João. E havia necessidade de inventar que era empregado de Antônio Moraes?

João Grilo: – Meu filho, empregado do major e empregado de um amigo do major é quase a mesma coisa. O padeiro vive dizendo que é amigo do homem, de modo que a diferença é muito pouca. Além disso, eu podia perfeitamente ter sido mandado pelo major, porque o filho dele está doente e pode até precisar do padre.

Chicó: – João, deixe de agouro com o menino, que isso pode se virar por cima de você.

João Grilo: – E você deixe de conversa. Nunca vi homem mais mole do que você, Chicó. O padeiro mandou você arranjar o padre para benzer o cachorro e eu arranjei sem ter sido mandado. Que é que você quer mais?

FIM: Todos os personagens, de mãos dadas e alinhados lado a lado em frente a plateia, fazem uma reverência a plateia, acompanhada de um sorriso, encerrando a apresentação.

TEATRO

FRAGMENTO DA PEÇA “O AUTO DA COMPADECIDA” A MORTE DA CACHORRA (ARIANO SUASSUNA)

Personagens

- **João Grilo** – Pobre, esperto e astuto; sempre arranja um jeito de enganar para se sair bem.
- **Chicó** – Ingênuo, medroso, facilmente levado pelas ideias de João Grilo.
- **Padre** – Autoridade religiosa, preocupado com sua imagem e com os interesses ligados aos ricos.
- **Mulher** – Ciumenta, geniosa, desconfiada, sempre controlando o marido
- **Cachorra** – Pode ser representada por um boneco, pelúcia ou até um objeto cômico (um travesseiro encapado, por exemplo), o importante é que cause riso e não distraia do diálogo.

Figurino

- **João Grilo:** roupas simples, calça remendada, camisa de algodão clara, chapéu de palha já gasto. Representa a astúcia na simplicidade.
- **Chicó:** semelhante a João, mas com aspecto ainda mais desajeitado: camisa grande, calça frouxa, chapéu torto. Pode estar descalço para reforçar a ingenuidade.
- **Padre:** batina preta ou túnica escura, crucifixo no peito, livro de rezas ou rosário nas mãos. Expressão de autoridade, mas que se quebra diante dos interesses dos ricos.
- **Mulher:** vestido simples, porém mais bem cuidado que o das mulheres comuns, avental, lenço colorido na cabeça; pode carregar um leque ou pano de prato para reforçar sua postura mandona.

Cenário

- **Local:** o interior simples de uma igreja do sertão nordestino.
- **Elementos:** altar rústico, mesa ou banco de madeira, cruz ao fundo, algumas flores simples, velas, imagens de santos (se possível, pequenas).
- **Clima:** ambiente religioso, mas tratado com leveza e humor, contrastando a seriedade da fé com a esperteza e as invenções de João Grilo.
- **A cachorra:** pode estar deitada sobre uma almofada ou cobertor no chão, já “morta”, enquanto os personagens discutem.

Observação: Realizar as adaptações necessárias no cenário e no figurino, de acordo com os recursos disponíveis na escola.

TEATRO

JOÃO GRILO: Como vai a senhora? Já está mais consolada?

MULHER: Como, se além de perder meu cachorro, ainda tive de gastar treze contos para ele se enterrar?

JOÃO GRILO: Está aí, o dinheiro?

MULHER: Está. Entregue ao padre e ao sacristão.

JOÃO GRILO: Um momento. O que é que tem escrito aqui?

MULHER: Sacristão.

JOÃO GRILO: E aqui?

MULHER: Padre.

JOÃO GRILO: Pois por favor, escreva aqui “bispo e padre”.

MULHER: Bispo e padre? Por quê?

JOÃO GRILO: Porque houve aqui um pequeno arranjo e o bispo também teve que entrar no testamento.

MULHER: Que complicação! E se ao menos eu lucrasse alguma coisa... Mas perdi foi meu cachorro.

JOÃO GRILO: Quem não tem cão caça com gato.

MULHER: Hem?

JOÃO GRILO: Quem não tem cão caça com gato e eu arranjei um gato que é uma beleza para a senhora.

MULHER: Um gato?

JOÃO GRILO: Um gato.

MULHER: E é bonito?

JOÃO GRILO: Uma beleza.

MULHER: Ai, João, traga para eu ver! Chega a me dar uma agonia. Traga, João, já estou gostando do bichinho. Gente, não, é povo que não tolero, mas bicho dá gosto.

JOÃO GRILO: Pois então vou buscá-lo.

TEATRO

MULHER: Espere. Sabe do que mais, João? Não vá buscar o gato que isso só me traz aborrecimento e despesa. Não viu o que aconteceu com o cachorro? Terminei tendo que fazer o testamento.

JOÃO GRILO: Ah, mas aquilo é porque foi o cachorro. Com meu gato é diferente...

MULHER: Diferente por quê?

JOÃO GRILO: Porque, em vez de dar despesa, esse gato dá lucro.

MULHER: Fora vaca, cavalo e criação, bicho que dá lucro não existe.

JOÃO GRILO: Não existe, sei não... Eu fico meio encabulado de dizer!

MULHER: Que é isso, João, você está em casa! Diga!

JOÃO GRILO: É que o gato que eu lhe trouxe, descome dinheiro.

MULHER: Descome dinheiro?

JOÃO GRILO: Descome, sim.

MULHER: Essa eu só acredito vendo.

JOÃO GRILO: Pois vai ver. Chicó!

MULHER: Ah, e é história de Chicó? Logo vi.

JOÃO GRILO: Nada de história de Chicó, mas foi ele quem guardou o bicho. Chicó! CHICÓ, (entrando com o gato). Tome seu gato. Eu não tenho nada com isso. João dá-lhe uma cotovelada e apresenta o gato à mulher.

JOÃO GRILO: Está aí o gato.

MULHER: E daí?

JOÃO GRILO: É só tirar o dinheiro.

MULHER: Pois tire. JOÃO GRILO (virando o gato para Chicó), com o rabo levantado. Tire aí, Chicó.

CHICÓ: Eu não, tire você.

JOÃO GRILO: Deixe de luxo, Chicó, em ciência tudo é natural.

CHICÓ: Pois se é natural, tire.

JOÃO GRILO: Então tiro. (Passa a mão no traseiro do gato e tira uma prata de cinco tostões.) Está aí, cinco tostões que o gato lhe dá de presente.

MULHER: Muito obrigada, mas se você não se zanga quero ver de novo.

JOÃO GRILO: De novo?

TEATRO

MULHER: Vi você passar a mão e sair com o dinheiro mas agora quero ver é o parto.

JOÃO GRILLO: O parto?

MULHER: Sim, quero ver o dinheiro sair do gato.

JOÃO GRILLO: Pois então veja , depois da nova retirada.

MULHER: Nossa Senhora, é mesmo. João, me arranje esse gato pelo amor de Deus.

JOÃO GRILLO: Arranjar é fácil, agora, pelo amor de Deus é que não pode ser, porque sai muito barato. Amor de Deus é coisa que eu tenho, dê ou não lhe dê o gato.

MULHER: Quer dizer que não tem jeito de eu arranjar esse gato?

JOÃO GRILLO: De modo nenhum, há um jeito e é até fácil.

MULHER: Pois diga qual é, João.

JOÃO GRILLO: Deixe eu entrar no testamento do cachorro.

MULHER: Pois você entra. Por quanto vende o gato?

JOÃO GRILLO: Um conto, está bom?

MULHER: Esta não, está caro.

JOÃO GRILLO: Mas por um gato que descome dinheiro!

MULHER: Já fiz a conta, vou levar dois mil dias só para tirar o preço.

JOÃO GRILLO: Mas ele descome mais de uma vez por dia, a senhora não viu?

MULHER: Mas ele pode morrer. Só dou quinhentos e se você não aceitar será demitido da padaria.

JOÃO GRILLO: Está certo, fica pelos quinhentos.

MULHER: Tome lá. Passe o gato, Chicó. Meu Deus, que gatinho lindo! Agora a coisa é outra, tenho um filho de novo e vou tirar o prejuízo. (Sai contentíssima.)

CHICÓ: João, adeus. Eu vou-me embora.

JOÃO GRILLO: Nada disso, tome lá a metade do dinheiro e deixe de ser mole.

CHICÓ: Homem, eu não tenho coragem de continuar sempre, é melhor fugir logo, enquanto tudo está em paz.

JOÃO GRILLO: Não adianta, Chicó, você já entrou na história e agora é tarde porque a mulher descobre já. Quantas pratas você conseguiu meter?

CHICÓ: Três!

JOÃO GRILLO: Então o negócio estoura já.

FIM: Todos os personagens, de mãos dadas e alinhados lado a lado em frente a plateia, fazem uma reverência a plateia, acompanhada de um sorriso, encerrando a apresentação.

TEATRO

FRAGMENTO DA PEÇA “O AUTO DA COMPADECIDA” O JULGAMENTO

(ARIANO SUASSUNA)

Personagens

- **Juiz (Jesus Cristo)** – Preside o tribunal celestial com autoridade serena e justa.
- **Nossa Senhora** – Defensora dos réus, cheia de misericórdia e bondade.
- **O Diabo** – Acusador implacável, sarcástico, cômico e irônico.
- **João Grilo** – Esperto, pobre e astuto, sempre tentando escapar das situações.
- **Chicó** – Medroso, ingênuo e desajeitado, mas leal.
- **Severino** – Cangaceiro, marcado pela violência, mas arrependido.

Figurino

- **Juiz (Jesus Cristo):** túnica clara (branca ou bege), manto simples, sandálias; pode carregar um cajado ou livro sagrado. Expressão calma e com autoridade.
- **Nossa Senhora:** veste azul ou branca, manto cobrindo a cabeça e ombros, terço nas mãos. Trazer leveza, compaixão e gestos delicados.
- **O Diabo:** roupas escuras (preto ou vermelho), capa curta ou detalhe chamativo, maquiagem no rosto (sobrancelhas arqueadas, batom escuro ou bigodinho fino), podendo carregar um tridente pequeno ou bengala .
- **João Grilo:** roupas simples, calça remendada, camisa clara, chapéu de palha velho. Expressão astuta e esperta.
- **Chicó:** roupas desleixadas, camisa larga, calça frouxa, chapéu torto; pode estar descalço. Gestos exagerados de medo.
- **Severino:** roupas escuras, chapéu de couro (estilo cangaceiro), cartucheira falsa, cinto largo, olhar sério, mas no fim demonstra arrependimento.

Cenário – O Tribunal Celestial

- **Fundo:** tecido branco ou azul claro simbolizando o céu.
- **Altar/mesa central:** onde fica o Juiz (Jesus), em posição elevada (pode ser uma mesa coberta com pano branco).
- **Lado da acusação:** espaço do Diabo, com cadeira simples e algum detalhe vermelho/preto.
- **Lado da defesa:** espaço da Compadecida, com cadeira coberta por pano azul ou branco, trazendo serenidade.
- **Banco dos réus:** banco de madeira onde ficam João Grilo, Chicó e Severino.
- **Illuminação:** clara no centro (Juiz), suave na Compadecida, mais escura no Diabo, para reforçar contraste.

Observação: Realizar as adaptações necessárias no cenário e no figurino, de acordo com os recursos disponíveis na escola.

TEATRO

FRAGMENTO DA PEÇA “O AUTO DA COMPADECIDA” O JULGAMENTO

(ARIANO SUASSUNA)

CENÁRIO INICIAL: O tribunal celestial. O Juiz (Jesus Cristo) preside, Nossa Senhora é a defensora, e o Diabo atua como acusador. João Grilo, Chicó e Severino estão no banco dos réus.

O DIABO (irônico, olhando para João Grilo):

Ora, ora, que reunião interessante! João Grilo, o mestre da trapaça. Chicó, o covarde. E Severino, o assassino. Que seleção, hein, Senhor?

O JUÍZ: Diabo, não cabe a você fazer julgamentos precipitados. Vamos ouvi-los.

O DIABO: Claro, claro. Mas eu só queria lembrar que esse aqui (aponta para João Grilo) enganou padres, beatos, o dono do cachorro e até o cangaceiro. Isso é um currículo e tanto!

JOÃO GRILLO: Olha, eu fiz tudo isso, mas nunca roubei, nunca matei, e sempre dei um jeito de ajudar quem tava pior do que eu.

O DIABO: Ah, que história bonita! Mas a verdade é que você mentiu e manipulou todo mundo. Isso não conta?

A COMPADECIDA: Senhor, João Grilo viveu num mundo cheio de injustiça. Ele fez o que podia para sobreviver e, no fim, sempre buscava ajudar os outros.

O DIABO: Ah, mas veja só, a Defensora já começou com suas desculpas! Então, vamos ao próximo: Chicó!

CHICÓ (assustado): Eu não fiz nada!

O DIABO: Exatamente! Você nunca fez nada. Passou a vida com medo, sem coragem de enfrentar as dificuldades. Nem tentou ser melhor.

CHICÓ: Mas eu nunca fiz mal a ninguém também! E isso já é alguma coisa, não é?

A COMPADECIDA: Sim, Chicó pode ser medroso, mas foi leal e bondoso com quem precisou dele. Isso é mais do que muitos corajosos fazem.

O DIABO: Bah, desculpas e mais desculpas. E Severino? Esse nem precisa de julgamento. Matou tanta gente que nem tem como contar. É meu, está decidido!

SEVERINO: Eu matei, sim, mas fui criado na miséria e no meio da violência. Nunca conheci outro caminho. Mas agora que estou diante do Juiz, me arrependo de tudo.

O DIABO: Ah, que conveniente! Arrependimento na última hora! Será que isso apaga tudo o que ele fez?

TEATRO

A COMPADECIDA: O arrependimento sincero pode transformar qualquer alma. Senhor, ele merece uma chance.

O DIABO (irritado): Senhor, está vendo isso? Essa Defensora quer salvar todo mundo! Assim não sobra ninguém pra mim!

O JUÍZ: Diabo, sua função aqui é acusar, não reclamar.

O DIABO: Então deixe-me acusar! João Grilo é mentiroso, Chicó é covarde, e Severino é assassino. Todos merecem o inferno!

A COMPADECIDA: E eu digo que todos merecem a misericórdia. João foi esperto porque o mundo foi cruel com ele. Chicó teve medo, mas nunca deixou de ser bom. Severino foi criado na violência, mas agora entende seus erros.

O JUÍZ (após pensar): Severino, João Grilo e Chicó, a justiça divina não é apenas julgamento, mas também misericórdia. Vocês terão uma nova chance.

O DIABO (indignado): O quê?! Isso é um absurdo!

O JUÍZ: João Grilo e Chicó, voltem à Terra para viver com mais sabedoria. Severino, você pagará pelos seus atos com bondade: cuide das pessoas que um dia prejudicou.

SEVERINO: Obrigado, Senhor.

JOÃO GRILO (cutucando Chicó): Tá vendo? Eu sabia que Nossa Senhora ia nos ajudar.

CHICÓ: Eu só sei que tô com medo dessa segunda chance!

O JUÍZ: Diabo, está encerrado. Eles não são seus.

O DIABO (saindo irritado): Isso aqui está parecendo repartição pública: é só misericórdia pra todo lado!

A COMPADECIDA: Lembrem-se, João e Chicó, o perdão é uma oportunidade de fazer melhor.

JOÃO GRILO: Pode deixar, Senhora. A gente não vai desperdiçar.

CHICÓ: Pelo menos eu espero que essa segunda vida não seja tão complicada...

FIM: Todos os personagens, de mãos dadas e alinhados lado a lado em frente a plateia, fazem uma reverência a plateia, acompanhada de um sorriso, encerrando a apresentação.